









Os Jovens Portugueses no Contexto da Ibero-América

José Machado Pais
Cícero Roberto Pereira
(coordenadores)

ICS Imprensa
de Ciências
Sociais

Imprensa de Ciências Sociais



**Instituto de Ciências Sociais
da Universidade de Lisboa**

Av. Prof. Aníbal de Bettencourt, 9
1600-189 Lisboa - Portugal
Telef. 21 780 47 00 – Fax 21 794 02 74

www.ics.ulisboa.pt/imprensa
E-mail: imprensa@ics.ul.pt

Instituto de Ciências Sociais – Catalogação na Publicação

Os jovens portugueses no contexto da Ibero-América /
coord. José Machado Pais, Cícero Roberto Pereira. -
Lisboa : Imprensa de Ciências Sociais, 2016
ISBN 978-972-671-379-1
CDU 316.3



Capa e concepção gráfica: João Segurado
Revisão: Soares de Almeida
Impressão e acabamento: Manuel Barbosa & Filhos, Lda.
Depósito legal: 418791/16
1.ª edição: Dezembro de 2016

Índice

Os autores	15
Prefácio	19
Introdução	21
<i>José Machado Pais</i>	
Parte I	
Valores, atitudes e perceções	
Capítulo 1	
Valores e atitudes perante temas socialmente sensíveis	33
<i>Cícero Roberto Pereira</i>	
Capítulo 2	
Perceções de violência social	53
<i>Simone Tulumello e Cláudia Casimiro</i>	
Capítulo 3	
Sexualidade e métodos contraceptivos	75
<i>Sofia Aboim</i>	
Parte II	
Confiança nas instituições democráticas e participação	
Capítulo 4	
A participação social e política	93
<i>Pedro Moura Ferreira</i>	

Capítulo 5	
Os jovens frente à democracia e às suas instituições	109
<i>Marcelo Camerlo e Andrés Malamud</i>	
Parte III	
Educação, trabalho e futuro	
Capítulo 6	
Educação e inserções profissionais	121
<i>Vítor Sérgio Ferreira e Jussara Rowland</i>	
Capítulo 7	
Uso de novas tecnologias	141
<i>Ana Nunes de Almeida e Ana Delicado</i>	
Capítulo 8	
Diagnóstico do presente, expetativas sobre o futuro	155
<i>Sérgio Moreira</i>	
Bibliografia	173
Anexos	179
Questionário A	181
Questionário B	191

Índice de quadros e figuras

Quadros

1.1	Ordenação média e desvios-padrão dos problemas que os jovens consideram mais importantes	38
1.2	Coefficientes de regressão multinível que representam os pesos dos fatores explicativos nas dimensões organizadoras das preocupações dos jovens ibero-americanos	42
1.3	Médias e desvios-padrão das atitudes dos jovens em relação a temas socialmente sensíveis.....	44
1.4	Coefficientes de regressão multinível que representam os pesos dos fatores explicativos das dimensões das atitudes dos jovens ibero-americanos em relação a temas socialmente sensíveis.....	47
1.5	Indicadores contextuais usados como fatores explicativos nos modelos de regressão multinível.....	51
2.1	Mortalidade por homicídio voluntário em função do género (%).....	58
2.2	Correlações bivariadas entre a percepção de violência e indicadores socioeconómicos, de percepção de vitimização social e de insegurança.....	63
2.3	Percepções sobre a situação económica do país relativa à situação antes do 25 de abril (%).....	65
2.4	Percepções de violência urbana (%).....	68
2.5	Correlações bivariadas entre ter presenciado a ocorrência de brigas com uso de armas e indicadores socioeconómicos.....	68
2.6	Percepção de violência familiar nos últimos doze meses (%).....	70
2.7	Correlações bivariadas entre a percepção de violência doméstica e indicadores socioeconómicos	72
3.1	Médias e modas da idade da primeira relação sexual entre os jovens dos 15 aos 29 anos por sexo e país/grupos de países.....	78
3.2	Coefficientes de regressão estandardizados que representam a relação entre a idade da primeira relação sexual e os indicadores sociais.....	81

3.3	Coefficientes de regressão logística não estandardizados que representam a relação entre não ter relações sexuais e os indicadores sociais.....	83
3.4	Jovens que indicaram ter usado métodos contraceptivos na primeira relação sexual (%).....	85
3.5	Jovens que indicaram a razão de usar preservativo (%)	87
4.1	Participação organizada por sexo, escolaridade e situação perante o emprego (%)	99
4.2	Associativismo dos jovens segundo os países (%)	102
4.3	Pertença associativa dos jovens por sexo, idade, escolaridade e ocupação (%)	103
4.4	Razões da não participação (%)	105
4.5	Jovens que indicaram participação em redes sociais (%)	107
5.1	Coefficientes de regressão não estandardizados dos preditores da confiança na democracia e nas suas instituições	115
5.2	Confiança dos jovens na democracia e suas instituições	118
7.1	Modo principal de uso da internet por grupos de países (%).....	144
7.2	Modo principal de uso da internet em Portugal por escalões etários (%)	144
7.3	Modo principal de uso da internet em Portugal por nível de escolaridade completo (%)	145
7.4	Modo principal de uso da internet em Portugal por condição perante o trabalho (%).....	145
7.5	Principais usos da internet por grupos de países (%).....	147
7.6	Principais usos da internet (combinação) por grupos de países (%)	148
7.7	Principais usos da internet em Portugal por sexo (%)	148
7.8	Principais usos da internet (combinação) em Portugal por sexo (%).....	148
7.9	Principais usos da internet em Portugal por escalões etários (%)	149
7.10	Principais usos da internet (combinação) em Portugal por escalões etários (%)	149
7.11	Principais usos da internet em Portugal por nível de escolaridade completo (%)	150
7.12	Principais usos da internet (combinação) em Portugal por nível de escolaridade completo (%)	150
7.13	Principais usos da internet em Portugal por condição perante o trabalho (%).....	151

7.14	Principais usos da internet (combinação) em Portugal por condição perante o trabalho (%)	151
7.15	Principais usos da internet em Portugal por tipologia familiar (%).....	151
7.16	Principais usos da internet (combinação) em Portugal por tipologia familiar (%)	152
8.1	Itens (percentagens/médias e desvios-padrão) das variáveis em análise.....	158
8.2	Itens das perceções sobre a atualidade e sobre o futuro em Portugal	159
8.3	Médias, desvios-padrão e número das perceções sobre a atualidade e sobre o futuro para a amostra global	160
8.4	Médias e desvios-padrão das perceções sobre a atualidade e sobre o futuro para a Espanha.....	162
8.5	Coefficientes de regressão estandardizados dos fatores explicativos da perceção da atualidade e do futuro em Portugal	165
8.6	Coefficientes de regressão estandardizados dos fatores explicativos da perceção da atualidade e do futuro noutros países.....	166
8.7	Coefficientes de regressão estandardizados dos fatores explicativos da perceção da atualidade e do futuro em Espanha.....	167

Figuras

1.1	Hierarquia das principais preocupações dos jovens	36
1.2	Dimensões organizadoras das preocupações dos jovens	39
1.3	Representação das médias da concordância dos jovens com os temas-alvo de atitudes socialmente sensíveis	44
1.4	Dimensões organizadoras das atitudes dos jovens face a temas socialmente sensíveis.....	46
2.1	Homicídios voluntários por cada 100 000 habitantes, 2000-2012.....	57
2.2	Taxa de homicídios voluntários por sexo e faixa etária em Portugal no ano de 2010.....	58
2.3	Perceção dos problemas mais importantes que afetam os jovens (%).....	60
2.4	Médias da perceção de violência.....	61
2.5	Linhas de regressão a representar a relação entre perceção de violência e taxa de homicídios	64

2.6	Perceções negativas sobre a situação económica do país relativa à situação antes do 25 de abril por escalão etário (%).....	66
3.1	Rapazes em cada grupo etário que indicaram a idade da primeira relação sexual (%).....	79
3.2	Raparigas em cada grupo etário que indicaram a idade da primeira relação sexual (%).....	79
3.3	Jovens que indicaram ainda não ter relações sexuais por sexo e país/grupos de países (%).....	82
3.4	Jovens portugueses que indicaram ter feito uso do preservativo e da pílula contracetiva em cada categoria de idade da primeira relação sexual (%).....	86
3.5	Jovens que indicaram não ter usado contracetivos na primeira relação sexual (%).....	88
5.1	Valores médios da confiança na democracia por país/região.....	111
5.2	Representação da mediana e da dispersão da confiança dos jovens portugueses nas instituições democráticas.....	111
5.3	Valores médios da confiança dos jovens ibero-americanos nas instituições políticas.....	113
5.4	Valores médios da confiança dos jovens ibero-americanos nas instituições não estatais.....	113
6.1	Nível de escolaridade por país/região (%).....	123
6.2	Total de estudantes por país/região (%).....	125
6.3	Condição de estudante por nível de vida subjetivo em Portugal (%).....	126
6.4	Razões de abandono escolar antes de completar o ensino secundário por país/região (%).....	126
6.5	Médias da percepção sobre a escola por país/região.....	128
6.6	Perceções sobre a escola em Portugal (%).....	128
6.7	Médias das percepções sobre a escola por nível de vida subjetivo em Portugal.....	129
6.8	«Tive uma boa educação secundária» por país/região (%).....	130
6.9	«Por que considera ter tido uma boa educação secundária?» por país/região (%) (resposta múltipla).....	130
6.10	«Está a trabalhar atualmente?» por país/região (%).....	132
6.11	Jovens que não estão atualmente a trabalhar e se encontram à procura de trabalho por país/região (%).....	133

6.12	Procura de trabalho por nível de vida subjetivo em Portugal (%).....	134
6.13	Jovens trabalhadores inscritos na segurança social por país/região (%)	134
6.14	Importância atribuída aos descontos da segurança social para obter uma pensão/reforma no final da vida laboral por país/região (%)	135
6.15	Perceções sobre condicionantes de inserção no mercado de trabalho por país/região (%)	136
6.16	Perceções sobre condicionantes de inserção no mercado de trabalho por condição de estudante em Portugal (%)	136
6.17	Perceções sobre condicionantes de inserção no mercado de trabalho por grupo etário em Portugal (%)	138
6.18	Perceções sobre condicionantes de inserção no mercado de trabalho por nível de vida subjetivo em Portugal (%)	138
6.19	Perceções sobre condicionantes de inserção no mercado de trabalho por procura de trabalho em Portugal (%).....	139
7.1	Modo principal de uso da internet em Portugal (%).....	143
7.2	Principais usos da internet em Portugal (%).....	146
7.3	Principais usos da internet (combinação do uso 1 e uso 2) em Portugal (%)..	146
8.1	Representação das médias das perceções sobre a atualidade e sobre o futuro em Portugal.....	159
8.2	Médias das perceções sobre a atualidade e sobre o futuro noutros países (O) comparados com Portugal (PT).....	161
8.3	Médias das perceções sobre a atualidade e sobre o futuro em Espanha (ES) comparada com Portugal (PT).....	162



Os autores

Ana Delicado é investigadora auxiliar do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa). Doutorada em Sociologia, trabalha principalmente na área dos estudos sociais da ciência. Tem desenvolvido investigação sobre museus e cultura científica, risco ambiental, mobilidade científica, associações científicas, energia e alterações climáticas. É vice-coordenadora do OBSERVA – Observatório de Ambiente, Território e Sociedade.

Ana Nunes de Almeida é socióloga e investigadora coordenadora do ICS-ULisboa, onde é também presidente do conselho científico. Coordena o programa de doutoramento interuniversitário em Sociologia, OpenSoc (Sociologia – Conhecimento para Sociedades Abertas e Inclusivas). Áreas de investigação mais recentes: família e escola, crianças e crise, crianças e novos *media*, crianças e catástrofes.

Andrés Malamud, doutorado em Ciência Política pelo Instituto Universitário Europeu, Florença, é investigador auxiliar no ICS-ULisboa e professor visitante nas Universidades de Buenos Aires, Católica de Milão e Salamanca. Tem obra publicada sobre integração regional comparada, instituições de governo, política latino-americana e migrações transatlânticas.

Cícero Roberto Pereira é investigador auxiliar no ICS-ULisboa. Doutorou-se em Psicologia Social Experimental pelo Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL). A sua investigação analisa o modo como diferentes tipos de justificações são usados pelos atores sociais para legitimar ações e políticas discriminatórias contra grupos minoritários e a função identitária dessa legitimação nas sociedades democráticas contemporâneas.

Cláudia Casimiro, doutorada em Ciências Sociais, na especialização de Sociologia Geral, pelo ICS-ULisboa, é, atualmente, membro integrada do Centro Interdisciplinar de Estudos de Género (CIEG/ISCSP-ULisboa) e professora auxiliar convidada no ISCSP-ULisboa. Os seus domínios de investigação: sociologia da família, género, tecnologias de informação e comunicação, relaciona-

Os Jovens Portugueses no Contexto da Ibero-América

mentos *online*, metodologias qualitativas, violências na intimidade, violência feminina e violência familiar.

José Machado Pais é investigador coordenador do ICS-ULisboa. Foi coordenador do Observatório Permanente da Juventude e vice-presidente do Diretório da Juventude do Conselho da Europa. Tem uma extensa obra publicada, da qual se destacam os seguintes livros: *A Prostituição e a Lisboa Boémia; Artes de Amar da Burguesia; Culturas Juvenis; Sousa Martins e Suas Memórias Sociais. Sociologia de Uma Crença Popular; Consciência Histórica e Identidade; Sociologia da Vida Quotidiana; Ganchos, Tachos e Biscates. Jovens, Trabalho e Futuro; Nos Rastos da Solidão. Deambulações Quotidianas; Lufa-Lufa Quotidiana. Ensaio sobre Cidade, Cultura e Vida Urbana; Sexualidade e Afectos Juvenis; Enredos Sexuais, Tradição e Mudança: as Mães, os Zecas e os Sedutores de Além-Mar.*

Jussara Rowland é doutoranda em Sociologia no ISCTE-IUL e foi investigadora no Observatório Permanente da Juventude do ICS-ULisboa entre 2010 e 2015. Já trabalhou como investigadora em vários projetos de investigação e como consultora na área da responsabilidade social empresarial. Atualmente é bolsista de investigação no projeto CUIDAR – Culturas de Resiliência à Catástrofe entre Crianças e Jovens financiado pelo programa Horizon 2020.

Marcelo Camerlo é coordenador do Presidential Cabinets Project (com Cecilia Martínez-Gallardo) e atualmente responsável pelo *workshop* em política comparada e relações internacionais do doutoramento em Políticas Comparadas do ICS-ULisboa. Doutorado em Ciência Política pela Universidade de Florença, especialista em políticas sociais e licenciado em Comunicação Social pela Universidade de Buenos Aires. Foi investigador auxiliar no Centro de Estudos de Estado e Sociedade (CEDES), docente na Universidade de Buenos Aires e investigador convidado no Helen Kellogg Institute for International Studies da Universidade de Notre Dame.

Pedro Moura Ferreira, doutorado em Sociologia pelo ISCTE-IUL, investigador do ICS-ULisboa e membro do Instituto do Envelhecimento da mesma universidade, é atualmente responsável pelo Arquivo Português de Informação Social. Desenvolve investigação nas áreas do envelhecimento, curso de vida e género. Tem como publicações mais recentes os livros *As Sexualidades em Portugal: Comportamentos e Riscos* e *Mulheres e Narrativas Identitárias: Mapas de Trânsito da Violência Conjugal*. Tem atualmente em curso dois projetos de investigação: «Processos de envelhecimento em Portugal: usos do tempo, redes sociais e condições de vida» e «Informação sobre saúde da população

Os autores

portuguesa: conhecimentos e qualidade percebida das fontes de informação sobre saúde».

Sérgio Moreira é licenciado em Psicologia pela Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa e doutorado pelo ISCTE-IUL em Psicologia Social. Tem experiência em investigação fundamental na área da cognição social, em particular no estudo de ilusões de memória e da maleabilidade dos estereótipos. Tem coordenado e executado projetos de caracterização das perceções das comunidades sobre grandes alterações ambientais, promoção da comunicação de novos empreendimentos e participação pública. Atualmente é professor auxiliar convidado das disciplinas de Estatística na FPUL e, paralelamente, exerce atividade como consultor em psicologia do ambiente.

Simone Tulumello, doutorado em Planeamento Urbano e Regional pela Universidade de Palermo com uma tese sobre os sentimentos de medo do crime em planeamento urbano, é, desde janeiro de 2013, investigador pós-doc no ICS-ULisboa. O seu projeto principal visa questionar criticamente as políticas de segurança urbana na prática institucional de planeamento urbano. Os seus interesses abrangem: teorias e culturas de planeamento; estudos críticos sobre segurança urbana; poder e políticas de planeamento; estudos de futuros, TICs e governança territorial; tendências urbanas neoliberais; cidades do Sul da Europa; a geografia da crise. É autor de *Fear, Space and Urban Planning* (2017, Springer).

Sofia Aboim, doutorada em Sociologia (ISCTE-IUL, 2004), é investigadora auxiliar no ICS-ULisboa e membro do GEXcel – International Collegium for Advanced Transdisciplinary Gender Studies, sediado nas Universidades de Linköping, Karlstad e Örebro, na Suécia. Os seus interesses de investigação têm vindo crescentemente a incluir temas como género, sexualidade e cidadania. Tem publicado livros e artigos sobre estas temáticas, coordenando atualmente o projeto «TRANSRIGHTS – Gender citizenship and sexual rights in Europe: transgender lives from a transnational perspective», financiado pelo European Research Council.

Vitor Sérgio Ferreira, doutorado em Sociologia, na especialidade de Sociologia da Comunicação, Cultura e Educação, pelo ISCTE-IUL (2006) é investigador auxiliar no ICS-ULisboa, coordenador do grupo de investigação LIFE – Percursos de Vida, Desigualdades e Solidariedades: Práticas e Políticas do ICS-ULisboa, vice-coordenador do Observatório Permanente da Juventude do ICS-ULisboa e docente no doutoramento em Sociologia – Conhecimento

Os Jovens Portugueses no Contexto da Ibero-América

para Sociedades Abertas e Inclusivas (programa interuniversitário Open-Soc). Tem desenvolvido e coordenado vários projetos de investigação, nacionais e internacionais, na área das culturas juvenis e das transições para a vida adulta. Entre as várias publicações, destacam-se os livros *Jovens e Rumos* (ICS, 2011), *Tempos e Transições de Vida: Portugal ao Espelho da Europa* (ICS, 2010) e *Marcas que Demarcam. Tatuagem, Body Piercing e Culturas Juvenis* (ICS, 2008). Tem publicado em revistas internacionais de referência na área da juventude, como *Youth & Society* e *Young – Nordic Journal of Youth Research*.

Marcelo Camerlo
Andrés Malamud

Capítulo 5

Os jovens frente à democracia e às suas instituições

Introdução

Quanto confiam os jovens portugueses na democracia e nas suas instituições? Conseguem diferenciar entre as instituições políticas e as sociais? Como se situam em relação ao conjunto dos jovens ibero-americanos? Parecem-se mais com o outro país europeu (Espanha) ou com o outro país lusófono (Brasil) da amostra? Quanto incidem os fatores etários, educativos, profissionais e geográficos?¹ O capítulo aborda estas questões em quatro secções. Na primeira apresentamos considerações gerais sobre o tipo e o estado das democracias que integram a amostra. Na segunda exploramos as perceções dos jovens portugueses em relação aos políticos, ao governo, à justiça, à polícia, aos *media*, às universidades e às organizações religiosas do seu país. Por nos concentrarmos em Portugal, e para efeitos de simplicidade na comparação, agregámos vários dos 21 países da amostra em regiões, o que deu como resultado os seguintes cinco grupos: Portugal, Espanha, Brasil, América do Sul (excluindo o Brasil) e Américas Central e do Norte (incluindo o México). Na terceira secção analisamos a situação portuguesa por comparação com o resto dos jovens ibero-americanos. Na quarta, finalmente, indagamos sobre a incidência na confiança dos jovens de fatores como a idade, o sexo, a educação, a situação laboral e a zona de residência.

¹ Baseámos a nossa análise nos dados aviados pelo módulo 5 do 1.º *Inquérito às Juventudes Ibero-Americanas*. Neste módulo pergunta-se: «Numa escala de 1 a 10, onde 1 significa que não tem nenhuma confiança e 10 que tem total confiança, quanto confia nas seguintes instituições?»

Os Jovens Portugueses no Contexto da Ibero-América

As democracias ibero-americanas

Com exceção da Colômbia, Costa Rica e Venezuela, as democracias ibero-americanas são produto da «terceira vaga» de democratização, iniciada em Portugal a 25 de abril de 1974 (Huntington 1991). Isso significa que no ano de 2013, quando foi realizado este estudo, os inquiridos tinham vivido toda ou a maior parte da sua vida sob um regime democrático. Esta constatação não é banal, porque contradiz a visão convencional de que estamos a tratar de democracias recentes ou de cidadãos socializados num sistema autoritário.

Contudo, é certo que há grande variação nas trajetórias políticas de cada país. Por um lado, os Estados ibéricos possuem um aparelho estatal mais eficiente e instituições mais consolidadas. Por outro, apesar da crise mundial de 2008, os países sul-americanos coroavam em 2013 uma década de estabilidade política, crescimento económico e predomínio de governos de esquerda ou centro-esquerda, enquanto em Espanha e Portugal a situação económica afundava – e os partidos de esquerda também. O México e a América Central, por sua vez, não tinham tirado tanto benefício do *boom* das exportações primárias e sofriram com a estagnação dos EUA mais do que beneficiavam do crescimento chinês (Kotschwar 2014). Por isso, é razoável esperar diferenças de perceções e expectativas entre os jovens destes diversos grupos de países.

É relevante distinguir entre a democracia como regime, as instituições democráticas e o desempenho do governo eleito (Zovatto 2002).² O apoio ao regime democrático implica uma valoração de princípio, independentemente dos resultados. A opinião sobre instituições e desempenho, no entanto, presume uma avaliação sobre o comportamento e os resultados de agentes concretos, quer estatais (como a polícia ou a magistratura), quer não (como as universidades e a comunicação social).

A figura 5.1 mostra os níveis de confiança em relação à democracia. A linha vermelha indica de modo aproximado o eixo dos moderados, isto é, daqueles que não são nem muito confiados nem muito desconfiados.³ Definimos esta posição como ponto de indiferença.

Como pode observar-se, os jovens portugueses situam-se exatamente no ponto de indiferença (média de 5,5), manifestando o que poderíamos chamar «extremismo da moderação». Os jovens brasileiros exibem um nível de confiança muito similar (média de 5,4). Ambos países apresentam uma dispersão

² V. também, por exemplo, os relatórios do Latinobarómetro (<http://www.latinobarometro.org/lat.jsp>).

³ Dizemos «aproximado» por duas razões: primeira, se bem que o centro objetivo entre 1 e 10 seja 5,5, é factível que os inquiridos tenham considerado 5; segunda, ao inquirido é apresentada uma escala aberta, não uma série de categorias que incluam «moderação» ou «indiferença» como opção.



Os jovens frente à democracia e às suas instituições

Figura 5.1 – Valores médios da confiança na democracia por país/região

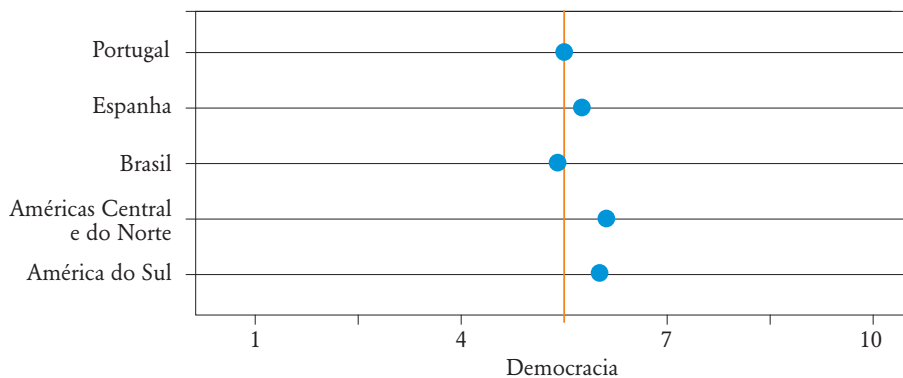
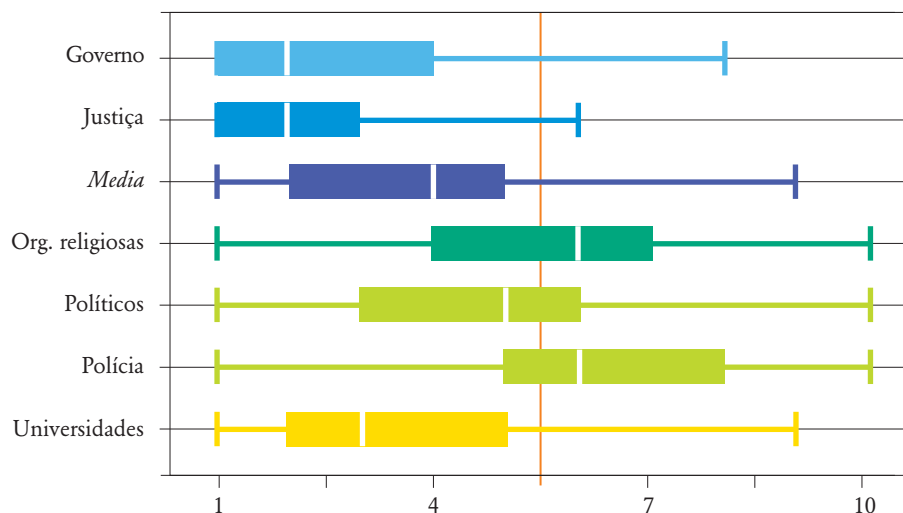


Figura 5.2 – Representação da mediana e da dispersão da confiança dos jovens portugueses nas instituições democráticas



relativamente alta (desvio-padrão de 2,5 e 2,9, respetivamente), indicando que a média engana: o resultado agregado combina proporções altas e similares de confiados e desconfiados.

O resto dos casos apresenta posições mais otimistas. Em Espanha evidencia-se uma média ligeiramente superior (5,8), mas com uma dispersão bastante menor do que em Portugal e no Brasil (desvio-padrão de 1,3). Isto indica uma maior concentração em torno do ponto de indiferença, ou seja, o predomínio de visões moderadas. São os jovens das Américas Central e do Sul que expressam maior confiança na democracia (média de 6,2 e 6,0, respetivamente, com um desvio-padrão de 2,4 e 2,1; v. apêndice).



Os Jovens Portugueses no Contexto da Ibero-América

A confiança dos jovens portugueses

A figura 5.2 ilustra os níveis de confiança dos jovens portugueses para um conjunto diverso de instituições e atores sociais.

As instituições com mais baixo nível de confiança são as políticas. O governo recebe uma média de 2,9, com 75% de todos os inquiridos a manifestarem uma valoração igual ou menor do que 4. Pior ainda é a valoração dos políticos em geral, com 75% dos inquiridos a indicarem uma valoração igual ou menor do que 3 – e com um nível de dispersão mais baixo, o que indica maior homogeneidade de opinião. Isto chama a atenção, porque a ligeira superioridade do governo em relação aos políticos parece indicar uma (também ligeira) preferência pelos incumbentes em detrimento dos políticos em geral, o que não parece simpático para a oposição.

No que diz respeito às duas instituições estatais contempladas pelo inquérito, a magistratura fica melhor colocada do que o governo, embora sempre ao lado dos desconfiados (com uma média de 4 pontos e um desvio-padrão de 2). Em contrapartida, a polícia recebe uma valoração positiva, com uma média de 5,8. Positiva é também a valoração das universidades, com uma média de 6,3. As organizações religiosas, no entanto, não gozam de grande apreço: a sua valoração média é de só 3,7, com 75% dos inquiridos a avaliarem-nos abaixo dos 5 pontos. A comunicação social situa-se numa posição intermédia, embora com uma leve tendência para o hemisfério dos desconfiados (4,8).

Contrastes de Portugal com o resto da Ibero-América

A figura 5.3 mostra as opiniões relativas às instituições estatais e aos atores políticos nos países ibero-americanos.

Os jovens portugueses destacam-se do resto: são os que têm menos confiança nos políticos, no governo e na magistratura (médias respetivas de 2,4, 2,9 e 4,9). Mas, surpreendentemente, são os que mais confiam na polícia (média de 5,8). Esta brecha entre as instituições ou atores estritamente políticos e uma instituição do Estado como é a polícia é única na amostra: os jovens do resto dos países avaliam as quatro instituições de modo mais homogéneo e, no caso da Espanha, praticamente não há diferenças entre elas: as quatro concentram-se no ponto de indiferença. A única constante é que, em todos os casos, os políticos recebem a pior avaliação.

A dispersão de opiniões também caracteriza Portugal na área das instituições «não estatais»: a comunicação social, as universidades e as organizações religiosas (figura 5.4).



Os jovens frente à democracia e às suas instituições

Figura 5.3 – Valores médios da confiança dos jovens ibero-americanos nas instituições políticas

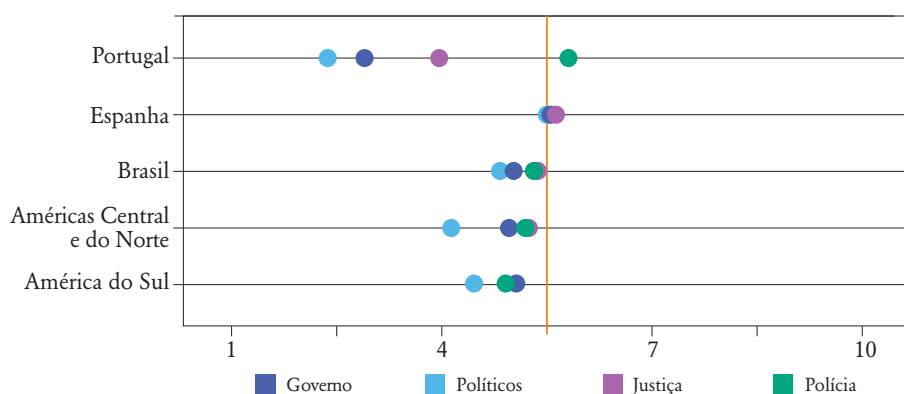
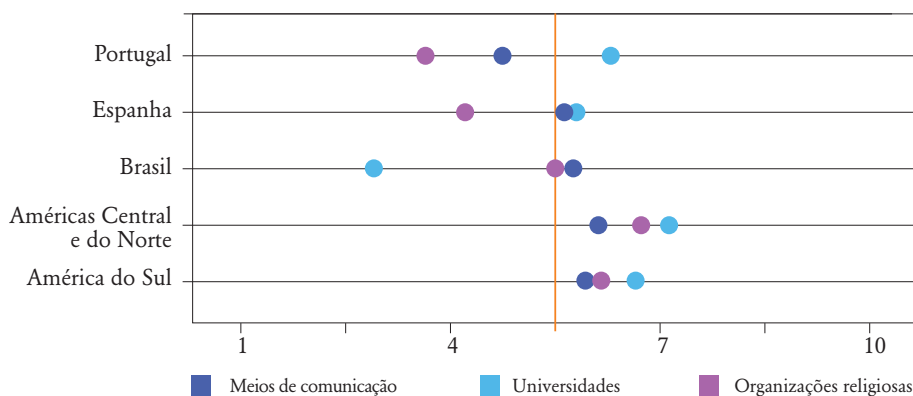


Figura 5.4 – Valores médios da confiança dos jovens ibero-americanos nas instituições não estatais*



* A consideração das universidades como instituições não estatais justifica-se por duas razões: por um lado, é um universo que acolhe instituições públicas e privadas; por outro, mesmo as universidades públicas reclamam autonomia universitária.

Comparados com o resto dos países e regiões do estudo, os jovens portugueses são os únicos que ficam no hemisfério dos desconfiados em relação aos meios de comunicação e às organizações religiosas, com médias de 4,8 e 3,7, respetivamente. Em contrapartida, as universidades «salvam-se» com uma média de confiança de 6,3. A Espanha e o Brasil, os dois países mais afins com Portugal, concentram os seus valores no centro da escala, enquanto os restantes latino-americanos exibem valores claramente positivos para as três instituições.



Os Jovens Portugueses no Contexto da Ibero-América

Fatores explicativos

Nesta secção analisamos o impacto que aspetos pessoais, de ocupação socio-profissional, participação social, situação económica e lugar de residência têm nas avaliações de confiança feitas pelos jovens ibero-americanos. Em particular, realizámos uma análise de regressão linear para medir o impacto do sexo, da idade (15 a 19 anos – categoria de referência –, 20 a 24 anos, 25 a 29 anos), um conjunto de variáveis dicotómicas que registam a ocupação (nomeadamente como trabalhador privado, trabalhador estatal, dona de casa ou outra ocupação com a de estudante como categoria de referência), se procura trabalho (sim/não), qual é a sua situação económica (quatro categorias ordenadas decrescentemente),⁴ se tem participação em alguma organização social (sim/não) e qual é o lugar de residência (urbana capital/urbana não capital). As variáveis dependentes são as avaliações de confiança na democracia, nas instituições estatais (índice que agrega as avaliações para o governo, os políticos, a justiça e a polícia) e nas instituições não estatais (índice que agrega meios de comunicação social, universidades e organizações religiosas). A medição realiza-se considerando primeiro só os jovens portugueses (quadro 5.1, modelos I-A, II-A e III-A) e logo controlando pelo resto dos países ibero-americanos que integram a amostra (quadro 5.1, modelos I-B, II-B e III-B).

O modelo I-A mede o impacto das variáveis independentes para a avaliação da democracia por parte dos jovens portugueses. Os dados mostram resultados estatisticamente significativos e de direção negativa só para a variável «situação económica», indicando que, conforme se deteriora a situação económica dos jovens, decresce a confiança na democracia. Pelo contrário, não existem diferenças por sexo, idade, tipo de ocupação, participação social ou lugar de residência. Os resultados mantêm-se no modelo I-B, que inclui o total dos jovens ibero-americanos. Como se tinha insinuado na segunda secção deste capítulo, não existem diferenças estatisticamente significativas entre os portugueses e os espanhóis ou brasileiros. Pelo contrário, a tabela mostra resultados significativos e positivos para os outros países, indicando que na América do Sul e nas Américas Central e do Norte os jovens expressam maior confiança nas suas democracias. Os resultados mantêm-se similares para os portugueses quando observamos o impacto destes preditores na avaliação das instituições estatais. Com exceção da situação económica, os jovens portugueses confiam nestas instituições de modo homogéneo, isto é, sem distinção de sexo, idade, tipo de ocupação, procura de

⁴ As quatro categorias correspondem a situações no lar onde: (a) não falta nada o quase nada; (b) vive-se bem mas cuidando o orçamento; (c) o dinheiro chega mas com privações; (d) o dinheiro apenas chega para sobreviver.



Os jovens frente à democracia e às suas instituições

Quadro 5.1 – Coeficientes de regressão não estandardizados dos preditores da confiança na democracia e nas suas instituições

	Democracia		Instituições estatais		Instituições não estatais	
	I-A	I-B	II-A	II-B	III-A	III-B
Sexo	0,16 (0,36)	0,02 (0,06)	-0,17 (0,22)	-0,21*** (0,05)	-0,04 (0,24)	0,07 (0,05)
Idade	-0,28 (0,28)	0,00 (0,05)	-0,30 (0,18)	-0,11** (0,04)	0,02 (0,19)	-0,05 (0,04)
Trabalhador estatal		-0,39 (0,22)		0,27 (0,18)		-0,75*** (0,17)
Trabalhador privado	-1,43 (1,37)	-0,23 (0,19)	-0,43 (0,86)	0,12 (0,15)	-1,30 (0,89)	-0,32* (0,15)
Dona de casa	-0,04 (2,32)	0,01 (0,12)	-0,71 (1,46)	0,41*** (0,10)	0,01 (1,51)	0,13 (0,09)
Outra ocupação		0,70 (0,55)		0,93* (0,44)		0,33 (0,42)
Procura trabalho	0,36 (0,41)	0,08 (0,07)	0,47 (0,26)	0,24*** (0,06)	0,55* (0,27)	-0,12* (0,05)
Situação económica	-0,53* (0,22)	-0,14*** (0,03)	-0,28* (0,14)	-0,01 (0,03)	-0,37* (0,15)	-0,14*** (0,03)
Participação	-0,58 (0,47)	0,03 (0,09)	-0,07 (0,29)	0,26*** (0,07)	0,08 (0,30)	-0,11 (0,07)
Residência	-0,36 (0,37)	0,13 (0,08)	-0,41* (0,24)	-0,19** (0,06)	-0,34 (0,25)	0,04 (0,06)
Espanha	-	0,30 (0,23)	-	1,51*** (0,18)	-	0,92*** (0,17)
Brasil	-	0,11 (0,23)	-	1,39*** (0,18)	-	0,76*** (0,18)
Américas do Norte e Central	-	0,82*** (0,18)	-	0,95*** (0,14)	-	1,99*** (0,14)
América do Sul	-	0,59** (0,18)	-	1,03*** (0,14)	-	1,45*** (0,14)
Cone Sul	7,47*** (0,82)	5,64*** (0,22)	4,86*** (0,52)	3,73*** (0,17)	5,77*** (0,53)	5,32*** (0,16)
<i>N</i>	168,00		168,00	4 996,00	165,00	4 998,00
<i>F</i>	(8) 2,06*		(8) 3,1**	(14) 14,61***	(8) 2,39*	(14) 31,18***
<i>R</i> ²	0,09		0,13	0,03	0,11	0,08

Erro-padrão entre parênteses; * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$.



Os Jovens Portugueses no Contexto da Ibero-América

trabalho, participação social ou lugar de residência (modelo II-A). A situação é bem diferente quando se considera o total dos inquiridos (modelo II-B). Neste caso, a tabela mostra coeficientes significativamente negativos para sexo, idade e lugar de residência, indicando que as mulheres, os mais velhos e os que residem em zonas urbanas fora das cidades capitais têm menos confiança nas instituições estatais. Coeficientes positivos obtêm-se para as categorias «dona de casa», «outra ocupação», os que não procuram trabalho e os que participam em alguma organização social. Para nossa surpresa, a situação económica não resultou estatisticamente significativa. Neste modelo, o contraste entre os portugueses e o resto é claro, dado que todos os demais países exibem coeficientes significativos e positivos. Isto é, comparados com qualquer dos grupos de países da amostra, os portugueses são os que têm menos confiança nas instituições estatais.

Quando avaliamos as instituições não estatais, a situação económica continua a ser o aspeto que diferencia o modo de avaliação dos portugueses (sempre com coeficiente negativo), mas neste caso acompanhada pela variável «procura trabalho», com coeficiente significativo e positivo. Isto é, os que não procuram trabalho expressam maior confiança nestas instituições (modelo III-A). Mais uma vez, o impacto dos preditores apresenta dinâmicas diferentes quando se considera o total dos jovens ibero-americanos (modelo III-B). Com coeficientes negativos, encontramos que tanto os trabalhadores do setor estatal como do privado têm menos confiança nas instituições não estatais do que os estudantes (categoria de referência). A mesma atitude apresentam os que não procuram trabalho, em contraposição com a direção do efeito mostrada para os portugueses (isto quer dizer que, considerada toda a amostra, os que não procuram trabalho têm mais confiança nas instituições não estatais comparados com os que procuram trabalho). Pela sua parte, a situação económica volta a apresentar coeficiente significativamente negativo. E, mais uma vez, comparados com qualquer do resto dos países da amostra, os jovens portugueses são os que declaram menor confiança nas instituições não estatais. O mítico pessimismo nacional manifesta-se uma vez mais não apenas enquanto visão de futuro, mas também na avaliação do presente da democracia e das suas instituições.

Conclusões

É importante referir que este inquérito captura um momento estático da realidade, pelo que não estamos em condições de comparar percursos ou projetar tendências.⁵ Trata-se de uma foto e não de um filme. Uma compreensão ade-

⁵ Para uma análise ampla do caso português v. Pinto, Magalhães e de Sousa (2013).



Os jovens frente à democracia e às suas instituições

quada das percepções dos jovens no contexto ibero-americano requererá a reite-
ração do inquérito em anos subsequentes.

Isto dito, os resultados que detetámos para o caso português são consistentes
com as conclusões do *European Social Survey*, que, na sua sexta vaga, estudou as
atitudes dos europeus sobre o significado da democracia e a sua avaliação. Nos
relatórios finais afirma-se que «os portugueses têm uma conceção de democracia
que vai bastante para além de ‘eleições livres e justas’» (Magalhães, Lobo e Gor-
bunova 2014), incorporando aspetos substantivos como a igualdade perante a
lei e a justiça social. Em consequência, resulta compreensível que um desem-
penho económico que é percecionado como prejudicial para a igualdade e a
justiça contribua para erodir a confiança nas instituições da democracia. O atual
pessimismo dos jovens portugueses poderá ser então um produto da crise e não
necessariamente uma manifestação de saudosismo inato.



*Os Jovens Portugueses no Contexto da Ibero-América***Apêndice****Quadro 5.2 – Confiança dos jovens na democracia e suas instituições**

	Democracia	Governo	Políticos	Justiça	Polícia	Meios de comunicação	Universidades	Organizações religiosas
Portugal	5,5 (2,5) 401	2,9 (1,9) 405	2,4 (1,7) 404	4,0 (2,0) 405	5,8 (2,2) 407	4,8 (2,0) 405	6,3 (2,1) 400	3,7 (2,2) 401
Espanha	5,8 (1,3) 478	5,5 (1,4) 478	5,5 (1,4) 478	5,6 (1,4) 478	5,6 (1,4) 477	5,6 (1,4) 478	5,8 (1,4) 478	5,7 (1,3) 477
Brasil	5,4 (2,9) 476	5,0 (2,8) 477	4,8 (3,0) 474	5,3 (2,8) 477	5,3 (2,9) 472	5,8 (2,7) 473	5,7 (2,9) 474	5,5 (2,8) 468
Américas Central e do Norte	6,1 (2,3) 3779	5,0 (2,4) 3776	4,1 (2,3) 3782	5,2 (2,4) 3780	5,1 (2,3) 3779	6,1 (2,3) 3782	7,1 (2,2) 3779	6,7 (2,4) 3777
América do Sul	6,0 (2,1) 4303	5,0 (2,2) 4308	4,5 (2,2) 4304	5,1 (2,2) 4306	4,9 (2,2) 4312	5,9 (2,0) 4315	6,6 (2,0) 4308	6,1 (2,2) 4302
Total	6,0 (2,2) 9437	4,9 (2,3) 9444	4,3 (2,3) 9442	5,1 (2,3) 9446	5,1 (2,2) 9447	5,9 (2,2) 9453	6,7 (2,1) 9439	6,2 (2,4) 9425

Os inquiridos responderam a pergunta: «Numa escala de 1 a 10, onde 1 significa que não tem nenhuma confiança e 10 que tem total confiança, quanto confia nas seguintes instituições?»